

# esportes

## Tatiana é uma das apostas para medalha no surfe

Com dupla cidadania, a surfista gaúcha optou defender a delegação brasileira por conta da conexão com o País

PARIS 2024

Fabrine Bartz  
fabrineb@jcrs.com.br

Uma das chances do Brasil conquistar a primeira medalha olímpica no surfe feminino depende de **Tatiana Weston-Webb**. Metade gaúcha e metade havaiana, a surfista, que fez sua estreia nos Jogos Olímpicos de Tóquio, também faz parte de um feito histórico - a delegação brasileira é a com mais representantes nas Olimpíadas de Paris, com seis nomes, em comparação a outros países.

Tati Weston-Webb, Luana Silva e Tainá Hinckel no feminino, além de Gabriel Medina, Filipe Toledo e João Chianca no masculino, conseguiram a vaga através da classificação da Liga Mundial de Surfe (WSL) de 2023. Nos jogos deste ano, os atletas encaram as ondas de Teahupoo, no Taiti, já que Paris não tem praia.

Classificada ainda no ano passado, Tati deve encontrar nas Olimpíadas, um ambiente com ondas semelhantes ao seu estilo, além de uma nova oportunidade profissional e pessoal. “Sinto

que não aproveitei no Japão, passou tão rápido. Espero que nessas Olimpíadas sejam uma outra história”, contou a atleta ao podcast oficial dos Jogos Olímpicos “Olympics.com”.

A expectativa para Paris é um cenário de leveza e alívio, diferentemente de Tóquio 2020, quando o pensamento dos atletas ainda estava direcionado

para o mundo enfrentando a Covid-19. De acordo com ela, o momento dos Jogos também favorece o aumento da visibilidade na profissão. “O esporte cresceu muito com as Olimpíadas. As pessoas levaram mais a sério, especialmente os pais”.

Natural de Porto Alegre, a surfista se mudou para o Havaí cedo, antes dos dois meses. Seu

pai, Douglas Weston-Webb, é um surfista inglês criado na Flórida e sua mãe, Tanira Guimarães, é uma bodyboarder brasileira, tendo, portanto, dupla nacionalidade. “Nossa cultura foi muito diferente, foi crescendo em uma ilha. Claro que comíamos arroz e feijão todos os dias, mas o restante da nossa rotina acontecia em uma ilha norte-americana”.

A proximidade com a família também influenciou sua entrada e permanência no esporte. Aos oito anos, Tatiana começou a surfar, vendo seu irmão mais velho Troy - rotina que se manteve até os 13 anos. Mais tarde, em 2018, a surfista passou a representar o Brasil nas principais competições da modalidade. A escolha por um país também foi uma surpresa para o atleta.

“Não sabia que no surfe era possível escolher o país para defender, independentemente do lugar de origem. O Comitê Olímpico Brasileiro (COB) me perguntou sobre e, embora tenha sido difícil, foi uma escolha de coração”.

Essa conexão com o Brasil ficou mais direta com o relacionamento com o surfista Jessé Mendes - que possui nacionalidade italiana. De acordo com ela, dentro da água, o lado havaiano transparece por meio do gosto pelas ondas grandes, já o lado brasileiro se mostra a partir da garra. Aos 28 anos, Tatiana busca a medalha olímpica em Paris. O surfe nas Olimpíadas será disputado entre 27 de junho e 5 de agosto.



Nome completo: **Tatiana Guimarães Weston-Webb**  
Data e local de nascimento: **9 de maio de 1996, Porto Alegre (RS)**  
Prova: **Surfe**

Gaúcha nascida em Porto Alegre é esperança de subir o pódio nas águas de Teahupoo, no Taiti

## No mar aberto, Viviane Jungblut vai a Paris ao lado de uma de suas inspirações

O que começou por lazer pode se tornar uma medalha olímpica em breve. Faltando pouco mais de uma semana para os Jogos de Paris, a nadadora gaúcha **Viviane Jungblut** encara uma rotina acelerada de treinos direcionados para a modalidade. Com a vaga garantida para a prova dos 10 km das águas abertas desde fevereiro, ela irá competir ao lado de Ana Marcela Cunha, uma de suas inspirações.

Natural de Porto Alegre, Vivi - como é chamada desde criança - participa dos Jogos Olímpicos pela segunda vez. A nadadora teve sua estreia em Tóquio 2020, e acredita que a experiência deve contribuir positivamente também nos resultados, embora sejam modalidades distintas. “Todo atleta vai em busca da medalha olímpica, mas, antes disso vem a satisfação por conseguir fazer o seu melhor, com a certeza de que fez o seu melhor”.

No Japão, Viviane nadou as provas de piscina. Dessa vez,

em Paris, as provas serão abertas, algo que é o principal foco da atleta. “A primeira Olimpíada traz um friozinho extra na bariga. O fato de chegar mais vislumbrada e não saber como é estar lá. Agora, já carrego isso comigo”, conta. Com o passaporte carimbado para Paris, a preparação foi um pouco diferente devido às condições climáticas do Rio Grande do Sul por conta das enchentes. Os treinos foram realizados em sua maioria no Grêmio Náutico União (GNU).

Os voos disponíveis na Base Aérea de Canoas (Baco), alternativa enquanto o Aeroporto Salgado Filho de Porto Alegre está fechado, estão restritos. Por isso, provavelmente, Viviane fará primeiro uma viagem à Florianópolis, em Santa Catarina. Também em decorrência do desastre climático, a rotina de treinos para as Olimpíadas sofreu uma alteração. Durante uma semana, a nadadora realizava as atividades no Parque Aquático Maria Lenk,

no Rio de Janeiro. O espaço integra o Complexo Esportivo Cidade dos Esportes, na Barra Olímpica.

Entre os dias 24 e 25 de maio, Viviane participou da etapa da Copa do Mundo de Águas Abertas, que aconteceu na Itália.

“Como foi a última competição antes dos jogos, conseguimos fazer uma avaliação não em nível internacional, porque cada um está em um nível diferente de treino, mas pes-

soal”, complementa. Desde então, permanece em Porto Alegre e treina seis vezes por semana nas piscinas do clube.

O GNU faz parte da história

GNU/DIVULGAÇÃO/JC



Após Tóquio, Vivi trocou as piscinas pelo mar aberto

da atleta há anos. Influenciada pela família, Viviane iniciou na natação aos sete anos, enquanto acompanhava o treino de seus dois irmãos mais velhos. Além deles, atualmente, ela também divide as piscinas e competições com a irmã mais nova. Juntas, irão representar o Brasil no Sul-Americano Absoluto, em outubro. Já os meninos, pararam de nadar aos 15 anos.

Aos 27 anos, a nadadora lembra que passou a enxergar seu potencial profissional na Olimpíada da Juventude, realizada em 2014. “Através dessa competição que a “chama olímpica” ascendeu e tive muita vontade de retornar para o ambiente olímpico. Desde então, tenho treinado muito”.

Nome completo: **Viviane Eichelberger Jungblut**  
Data e local de nascimento: **29 de junho de 1996, Porto Alegre**  
Prova: **10 km Águas Abertas**